

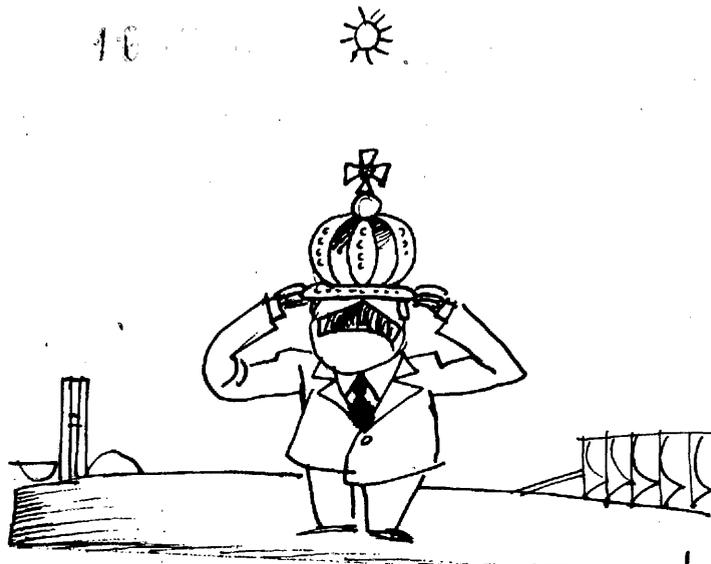
O destino de Sarney

JOSEMAR DANTAS
Da Editoria de Opinião

Quis o destino que o Sr. Tancredo Neves estivesse recolhido ao leito de enfermo na hora em que deveria assumir a Presidência da República, numa cerimônia para a qual se preparara desde seu ingresso na vida pública, há cinquenta anos. E, por esses insondáveis mistérios da vida, a Quarta República se instala sob a direção de alguém que, como o vice-presidente José Sarney, até há pouco estivera ao lado do regime desalojado do poder à força da maior catarse coletiva já ocorrida nos últimos 55 anos.

Filho de humilde imigrante paraibano, que procurara as terras sáfaras do Maranhão para escapar do inferno cíclico das secas nordestinas, seguramente José Sarney não alimentava pretensões de chegar à Presidência da República. Só de um modo remoto, impreciso e vago cogitava dessa possibilidade, principalmente depois que os ventos turbulentos da política o arrastaram para a situação de candidato à vice-presidência, na chapa de Tancredo Neves.

Colocar-se ali, no centro e na cabeça do movimento oposicionista, jungido à condição de candidato ao segundo posto da República, foi a mais complexa operação política já realizada por Sarney. Enfrentou, na ocasião, um dos mais consistentes movimentos de rejeição política já deflagrados contra um militante da vida pública nacional, sobretudo pelos estratos da esquerda oposicionista, que viam nele simples e, por força de preterições, irrisignado servical do regime militar.



Mas, naquela oportunidade, seu rompimento com o regime, assinalado com o ato formal de renúncia à presidência do partido que, há vinte anos, funcionava como suporte parlamentar do governo, abriu espaços à penetração da candidatura Tancredo Neves dentro das forças até então solidárias com o movimento militar de 1964. Conquanto a cunha principal houvesse sido introduzida dentro do PDS pela defeção do vice-presidente Aureliano Chaves, o fato é que a surpreendente decisão de Sarney fortaleceu as convicções sobre a viabilidade da candidatura Tancredo Neves.

As resistências contra Sarney foram dissolvidas à custa da habilidade política do próprio Tancredo, em su-

cessivas reuniões com os grupos inconformados do PMDB. Conscientes, porém, de que a transfiguração do regime valia qualquer preço, desde que se alcançasse o restabelecimento das franquias democráticas, as figuras mais expressivas da esquerda oposicionista — como Miguel Arraes e Francisco Pinto — logo lhe foram prestar solidariedade.

A própria posição adotada por Sarney naquela ocasião, pondo-se ao largo do primeiro plano, manobrando com habilidade para sair do cone de luz do **spotlight** político, contribuiu para dissipar as resistências. Pouco antes disso, não foram poucas as tentativas de alijá-lo da condição de candidato à vice-presidência. Argumentava-se então que, umbilicalmente ligado à malsinada estru-

tura de poder que se instalara no País desde 1964, não poderia ele, sem prejuízo da campanha cívica que antecederia a eleição de Tancredo, participar dos comícios liderados pelo candidato à Presidência da República. Temia-se que o povo o repelesse sob o estrondo ruidoso, politicamente catastrófico, das vaias nas praças públicas.

Viu-se, contudo, que o povo havia compreendido o sentido da união inortodoxa de antigos adeptos do regime com os contingentes oposicionistas que lhe moviam tenaz resistência desde os idos de 64. Foi no comício de Goiânia a prova de fogo de Sarney. Ali esteve e discursou, sob os aplausos de uma platéia de mais de quinhentas mil pessoas. Estava decididamente desobstruído o seu caminho para a vice-presidência da República.

A ascendência de Sarney na vida pública brasileira começou, virtualmente depois da eleição de Juscelino Kubitschek, quando participou da chamada "Banda de Música" da UDN, embora em posição obscura. E, em seguida, foi sucessivamente governador do Maranhão e senador.

A interinidade de que se investe agora na chefia do governo, por um período que a Nação espera seja breve, não põe em risco a estabilidade da República. Ideologicamente conservador, politicamente vinculado à linha sinuosa da mineiridade, frio, calculista e reservado, ocupará o cargo sem grandes arroubos, até que o titular — assim espera a Nação em Deus — possa assumi-lo na plenitude de sua saúde.